



“Arquitetonicamente, um prédio como o do Congresso Nacional deve ser caracterizado pelos elementos fundamentais. Os dois plenários são no caso esses elementos, pois neles é que se resolvem os grandes problemas do país. Dar-lhes maior ênfase foi o nosso objetivo plástico, situando-os em monumental esplanada onde suas formas se destacam como verdadeiros símbolos do Poder Legislativo. Ao fundo, contrariando a linha horizontal da esplanada, erguem-se os blocos administrativos, que são os mais altos de Brasília”

Oscar Niemeyer

O ícone de Brasília

Brasília tem o formato de um avião (ou um pássaro, dependendo de sua preferência), mas, na realidade, a imagem que vem à cabeça das pessoas ao se lembrar da cidade é outra. Quer um exemplo prático? Faça uma pesquisa por “Brasília” na busca de imagens do Google. Das 100 primeiras figuras, 24 são do Congresso Nacional, um número maior do que a quantidade de fotos da própria cidade: 19. Para o bem ou para o mal, o edifício é a imagem mais icônica da capital. Algo impressionante, pois, 51 anos e vários outros monumentos depois, ele continua a ser considerado como tal.

A principal razão é óbvia. O Congresso é o símbolo do poder Legislativo e abriga a Câmara dos Deputados e o Senado Federal desde a inauguração da cidade, em 21 de abril de 1960. Nessa data, também foi realizada a sessão de inauguração do edifício no plenário da Câmara, mas apenas em caráter solene. Os senadores começariam o trabalho no dia seguinte, enquanto os deputados só fariam seu primeiro expediente na cidade em 2 de maio de 1960.

Para quem passa pelo centro da cidade, é fácil perceber o porquê de o Congresso ter tanto destaque. O edifício soma 100 metros de altura e é o mais alto de toda a Esplanada dos Ministérios. Só o tamanho seria suficiente para dar destaque, mas os grandes espaços que cercam o edifício contribuem com sua grandeza. Olhando de longe, sua altura parece ser apenas delimitada pelo céu.

Composto de dois edifícios administrativos de 28 pavimentos cada um e uma base horizontal de três pavimentos, sobre a qual se sustentam duas cúpulas, uma côncava (representando a Câmara dos Deputados) e outra convexa (Senado) — além dos anexos das duas casas, localizados do outro lado da Esplanada dos Ministérios —, o Congresso Nacional sempre é lembrado porque foi feito com essa finalidade. “É o edifício que resume o espírito da capital. Não haveria Brasília se o prédio fosse mal construído”, atribui Frederico Flósculo, professor de arquitetura da Universidade de Brasília (UnB).

Em sua concepção arquitetônica, Oscar Niemeyer relatou que a composição do Congresso se formulou “em função das conveniências da arquitetura e do urbanismo, dos volumes, dos espaços livres, da oportunidade visual e das perspectivas e, especialmente, da intenção de lhe dar o caráter de monumentalidade, com a simplificação de seus elementos e a adoção de formas puras e geométricas”. A casa do Poder Legislativo começou a ser construída em 1958, em conjunto com o plano urbanístico da cidade feito por Lucio Costa, que já previa a posição do prédio.

Assim como Niemeyer, Flósculo tem no prédio o monumento favorito da cidade, e vê a finalidade urbanística como similar à função de um dos poderes da República: equilíbrio. “O Congresso fecha a composição do Plano Piloto inteiro. Ele simplesmente resolve a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes, e coroa toda a imensa simetria das duas asas. É um prédio de importância plástica total, assumindo a responsabilidade por Brasília. E é o Congresso. É a casa do povo, a casa da República. Ali, Niemeyer atingiu seu máximo”, justifica.

A simetria e o equilíbrio dão o tom do palácio até momentos históricos. Embora hoje seja mais lembrado pelas polêmicas e denúncias de corrupção, o edifício também foi palco de eventos marcantes para a história do país, como o da votação (e não aprovação) da Emenda das Diretas Já, em 1984, no fim do regime militar, ou a promulgação da Constituição de 1988. Desde então, cinco presidentes eleitos pelo povo discursaram dentro do Palácio no dia de posse.

Ambivalências à parte, o Congresso Nacional estava predestinado, desde os primeiros rabiscos de Niemeyer, a ser a cara da capital federal. Como ele mesmo afirmou, em sua concepção da obra, “a forma arquitetônica — mesmo contrariando princípios estruturais — é funcional quando cria beleza e se faz diferente e inovadora”. O mestre não poderia estar mais certo.

Brasília (A Palaciana)

A cidade dos palácios não tem muros
Seus guardiões são homens invisíveis
que tecem a história no porão do tempo

Tripulantes da nave-mãe
Cidade verde de sonhos
Madura de ambições

Suas ruas são apenas
ruas despidas de esquinas e becos
Braços eternos recebem a ardência
do sol, o brilho da lua

Os palácios são casas brancas
Belas
Suspensas em arcos
Arte concretizada
Palco das ilusões.

Maria Félix Fontenele